

“AS MULHERES FALAM DIFERENTE DOS HOMENS?” RESPOSTA A UMA
DAS 51 PERGUNTAS DE *O QUE SABEMOS SOBRE A LINGUAGEM*
“DO WOMEN SPEAK DIFFERENTLY FROM MEN?” ANSWER TO ONE OF THE
51 QUESTIONS FROM *WHAT DO WE KNOW ABOUT LANGUAGE*

Maria Carolina S. P. da Cunha¹

[...] jamais deixei de me espantar [...] que a ordem estabelecida, com suas relações de dominação, [...] seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetue-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou [...] como naturais. (Bourdieu, 2011, p. 7).

Dominantes, dominados e efeitos simbólicos da linguagem são metiês do sociólogo Pierre Bourdieu, mas esta epígrafe me lembra a fala de Malala Yousafzai, Nobel da paz, militante do estudo feminino, que clama para aquelas “sem-voz” serem ouvidas: não há prosperidade em abandonar metade da população. Essas preocupações ressoam na linguística moderna, como será demonstrado nesta resenha.

A coletânea “O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana”, organizada por Gabriel Othero e Valdir Flores, lançada pela editora Parábola em 2022, é redigida por linguistas, mas com abordagem acessível, menos técnica, mais informativa – exhibe curiosidades, a fim de alcançar o público leigo. A moderna capa, representativa da linguagem (espiral em balão de texto), remete à abertura da Pantera Cor-de-Rosa, com letras coloridas destacadas no fundo preto, em

¹ Especialista, UCAM-RJ.

fonte estilosa, sedutora, teatral. Os títulos são indagações, respondidas nos respectivos capítulos, ordenados alfabeticamente pelos nomes dos autores: nas páginas brancas, em preto, aparecem duplamente, refletidos na outra página, como um espelho, escritos ao inverso, nas páginas pretas, em branco. Por serem 51 capítulos independentes, que reúnem autores do país inteiro, priorizou-se o aprofundamento da análise com recorte de um capítulo, devido à limitação espacial.

O capítulo “As mulheres falam diferente dos homens?”, escrito por Valquíria Claudete Machado Borba² e por Samuel Gomes de Oliveira³, cogita se há divergências nas falas feminina e masculina. Na linguística moderna, a *Lingvogenderology* verifica as idiossincrasias de gênero da linguagem: diferenças e singularidades das falas feminina e masculina, conceitos de masculinidade e feminilidade (OBLANAZAROVNA, 2022). Embora não utilizem aquele termo, Borba e Oliveira (2022) abarcam tais discussões e explicam que a teoria da variação da língua perquire sociolinguística e estatística para compreender o uso da linguagem e influências (contexto social, relações de poder) nas tendências de fala de homens ou de mulheres. Trata-se de reiteração da premissa do fundador da sociolinguística variacionista William Labov: “Estudos sociolinguísticos [...] de fala constatam que a variação linguística está correlacionada com [...] variáveis sociais: idade, sexo, classe social, raça/etnia, situação urbana/rural e localização nas redes sociais.” (Labov, 2002, p. 14, tradução nossa).⁴

Os autores informam que é mito o imaginário de que mulheres falam mais que homens, mas que há diferenças reveladoras no uso da fala e em testes de fluência: mulheres superam homens em escuta, compreensão, vocabulário, ortografia, cuidam mais o interlocutor, desculpam-se e elogiam mais, enquanto homens trocam

2 Linguista, professora, UNEB.

3 Linguista, professor, UFRGS.

4 No original: “Sociolinguistic studies of the speech [...] find that linguistic variation is correlated with [...] social variables: age, gender, social class, race/ethnicity, urban/rural status and location in social networks.” (Labov, 2002, p. 14)

informação, priorizam resultado, hierarquia, descrição, fala mais agressiva e competitiva. Nota-se uma aproximação com a teoria de Labov (1990), de que a diferenciação sexual da linguagem independe de classe social na fase inicial da aprendizagem da língua, que é acelerada no sexo feminino.

Na sequência, Borba e Oliveira (2022) questionam quais são os significados sociais dos modos de falar e acentuam, primeiro, que ao sexo feminino incumbe a responsabilidade pelo capital simbólico dos filhos; e segundo, que baixo poder econômico acarreta utilização de formas linguísticas de prestígio, para evitar estigma e “preconceito linguístico” – a propósito, essa expressão, também denominada linguicismo ou glotofobia, foi criada pela linguista finlandesa Tove Skutnabb-Kangas; no Brasil, foi cunhada por Marcos Bagno, ambos não mencionados.

Com progressão lógica e coesão, o capítulo, sucinto, *prêt-à-porter*, apresenta exemplos variados (de estudos diferenciando masculino e feminino, variação linguística, sociolinguística), estratégia para agradar a maioria, sendo leitura válida para aprendizes. Entretanto, carece de explicações de termos técnicos, de difícil compreensão, como “capital simbólico”, de Bourdieu, que é entendido como reconhecimento, por imposição simbólica. É em razão da dominação simbólica – fabricação da língua, não natural – que mulheres tendem a adotar a língua/pronúncia legítima, porque é exigência do mercado de bens simbólicos, unificado pela língua dominante, dos detentores do capital linguístico, cuja transmissão ocorre por gerações: a aquisição das competências legítimas se dá pela família, além do sistema escolar. Apesar dos determinismos sociais, não é intencional a aceitação de “norma” enquanto “escolha” do *habitus* linguístico, que é a posição ocupada na estrutura social. Assim, a violência simbólica, velada, só é exercida sobre alguém predisposto a sentir essa intimidação por outros ignorada (Bourdieu, 2008).

Expõem Borba e Oliveira (2022) que empregar falta de concordância nominal indica masculinidade, porém assumem que há investigações com tendência diversa e

sem fator biológico determinante, suscitam dúvidas da construção de gênero, identidade e orientação sexual. Esse mote tem trabalhos em outros países⁵, com resultados distintos. Acresço que a proposta dos autores se coaduna com o que Labov (1990, p. 206, tradução nossa) designou problemas conceituais: “o viés biológico”, “a generalidade do gênero”, “a inversão de papéis” e a “diversificação íntima”.⁶

Sob esse prisma, vale citar Bucholtz (2003): o exame de linguagem e gênero tornou-se o exame do discurso e gênero, e nas mulheres a forma de falar é menos valorizada. Em pesquisa adicional, constata-se os modos velados de dominação masculina tratados por Bourdieu (2008), que critica Saussure por separar a “linguística externa” da “interna” (tida como verdadeira linguística), por excluir etnologia e história política dos falantes e suas condições sociais de produção e de reprodução, ao pretender aparentar cientificidade na autonomização da língua, sendo uma condenação buscar poder das palavras nas palavras onde inexistente.

Fornecidos elementos sociológicos como enriquecimento cultural para a presente crítica, interessa pensar a linguagem sob um enfoque biológico. Para cultivar o assunto, conforme Rodríguez-Sierra (2018), em 1861, Paul Broca explorou diferenças anatômicas cerebrais masculinas/femininas, estimulando convicção popular de que mulheres seriam menos inteligentes, com cérebros menores – resultados inconsistentes, não há dimorfismo⁷ cerebral de cognição, emoção e comportamento, apenas áreas dismórficas. Sabe-se que há testes para apontar masculinidade ou

5 Ver TRUDGILL, Peter. Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich. *Language in Society*. Cambridge University Press, v. 1, n. 2, p. 179-195, 1972.

Ver também SUBON, rankie. Gender Differences in the Use of Linguistic Forms in the Speech of Men and Women in the Malaysian Context. *Journal of Humanities and Social Science*. [S. l.] v. 13, n. 3, p. 67-79, 2013.

6 No original: “*the biological bias*.
the generality of gender.
the reversal of roles.

intimate diversification.” (Labov, 1990, p. 206)

7 Dimorfismo sexual é “a capacidade de classificar categoricamente o sexo/gênero.” (Rodríguez-Sierra, 2018, p. 57).

feminilidade no cérebro humano, mas as divergências discriminatórias da ciência, estabelecida por relações, mascaram falhas no sistema educacional (Nucci, 2010). Contribui-se com a observação de Rodríguez-Sierra (2018), para cuidar falsos positivos e pesquisas que ignoram o empirismo no desenvolvimento cerebral, e que a interpretação dos dados é fruto de contexto sociocultural: separar sexo e gênero é falácia científica com viés político para nutrir crenças e legitimar clichês.

No decorrer do capítulo, percebe-se um paradoxo: sem definir termos nem aduzir seus teóricos, apropria-se do conteúdo, como se o texto se dirigisse a um interlocutor experiente e conhecedor. Poderia designar superficialidade, se o que esse leitor mais exigente busca é um texto mais denso, que lhe acrescente ou mude seu ponto de vista. O intento é captar a atenção do leitor que não é acadêmico. Contudo, a esse receptor deve-se explicar, definir termos e referir seus autores, o que não significa subestimar sua inteligência.

Considerada a amplitude temática, ressaltam Borba e Oliveira (2022) que não há resposta simples no domínio da linguagem, e concluem que o gênero impacta a forma de falar, mas não de modo isolado – razão pela qual não se pode afirmar que “mulheres falam diferente de homens”, porque não há diferença exclusiva de gênero, mas de categorias que determinam forma de falar, como: profissão, região, escolaridade, classe social, cultura. Essa conclusão dialoga com Nucci (2010): a segregação entre “feminino” e “masculino” exige refletir sobre a carga conferida à biopolítica, confrontando o peso de atributos e condutas de modo inato, em formações subjetivas.

REFERÊNCIAS

BORBA, Valquíria Claudete Machado; OLIVEIRA, Samuel Gomes. As mulheres falam diferente dos homens? In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 323-330

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Linguísticas: O que Falar Quer Dizer*. São Paulo: Edusp, 2008.

BUCHOLTZ, Mary. Theories of Discourse as Theories of Gender: Discourse Analysis in Language and Gender Studies. In: HOLMES, Janet; MEYER (Orgs.). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 43-68.

LABOV, William. Driving forces in linguistic change. *2002 International Conference on Korean Linguistics*, Coreia, Seoul National University, 2002. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/Papers/DFLC.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

NUCCI, Marina Fisher. “O sexo do Cérebro”: uma análise sobre gênero e Ciência. In: *Prêmio Construindo a igualdade de gênero*. Redações, artigos científicos e projetos pedagógicos premiados, 6, 2010. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Categoria Artigos científicos, p. 31-56.

OBLANAZAROVNA, Sattarova Nargiza. Linguistic views of women's communication. *Academicia Globe: Inderscience Research*, v. 3, n. 1, p. 83-88, 2022.

OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (Orgs.). *O que sabemos sobre a linguagem*. São Paulo: Parábola, 2022.

RODRÍGUEZ-SIERRA, Olga Elvira. A representação binária do cérebro “feminino” e “masculino” na ciência e nos meios de comunicação. *Revista da Biologia*, v. 15, n. 1, p. 56-64, 2018.

SUBON, Frankie. Gender Differences in the Use of Linguistic Forms in the Speech of Men and Women in the Malaysian Context. *Journal of Humanities and Social Science*, v. 13, n. 3, p. 67-79, 2013.

TRUDGILL, Peter. Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich. *Language in Society*, Cambridge University Press, v. 1, n. 2, p. 179-195, 1972.

Recebido em: 31/07/2023.

Aceito em: 17/10/2023.